

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A missão
franciscana
e o anúncio
da Palavra**



Lição 13

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A missão
franciscana
e o anúncio
da Palavra**



Lição 13

Petrópolis 2001

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann

Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico



Texto das fontes	4
O sermão de Frei Egídio	
I. Introdução	5
II. Visão de conjunto	6
III. Informação	7
<i>"Ai de mim, se eu não evangelizar!"</i>	
1. A comunidade como portadora do anúncio	8
2. Anúncio e estilo de vida	9
3. Contemplação e anúncio	13
4. Anunciar, a partir da situação vivida	14
5. Anunciar a Palavra do Senhor	15
6. Anunciar, a partir da própria história	16
7. Anunciar, a partir da história dos outros	17
Fontes eclesiais e franciscanas	18
IV. Exercícios	19
V. Aplicações	23
VI. Bibliografia	27
VII. Legendas das ilustrações	28





Texto das Fontes

sermão de Frei Egídio

"Uma vez, um frade da Inglaterra, professor da Sagrada Teologia, pregou no mosteiro de São Damião, na presença de Santa Clara e de Frei Egídio. No meio de sua pregação, Frei Egídio exclamou, cheio de entusiasmo: 'Ó professor, não fale mais, porque agora sou eu quem tem que pregar!' Imediatamente, o professor se calou e cedeu seu lugar a Frei Egídio. Então, guiado pelo Espírito de Deus, Frei Egídio falou palavras luminosas; mas, após alguns instantes, dirigiu-se novamente ao professor dizendo: 'Complete agora aquilo que acabei de dizer!' E, de fato, o professor recomeçou a falar e terminou o seu sermão.

Vendo isto, Santa Clara exultou no seu espírito, dizendo: 'Hoje o desejo de nosso Pai Francisco se realizou; pois numa certa ocasião me falou: 'Desejo ardentemente que os meus irmãos tenham tanta humildade que um professor de Teologia seja capaz de interromper o seu sermão quando um leigo quer falar. Porque isto seria um milagre maior do que ressuscitar os mortos!''" (da Vida do Bem-aventurado Frei Egídio).





Introdução

I.

Concílio Vaticano II definiu a Igreja como “Povo de Deus”

Todos os batizados e confirmados recebem o Espírito Santo (cf. Rm 8,9; 1Cor 3,16.19). Portanto, todos estão capacitados para anunciar e testemunhar o Reino de Deus.

Em muitas partes do mundo, porém, o anúncio já não encontra, hoje em dia, um ambiente cristão. Também já não existe uma cultura cristã homogênea, capaz de permear uma sociedade inteira. Ao contrário, temos que anunciar o Evangelho como “anawim”, isto é, como um pequeno grupo bem pobre, um grupinho de irmãos e irmãs que se reúnem ao redor da mesa do Senhor. Como Igreja, formamos, cada vez mais, uma minoria.

Nos Evangelhos, as parábolas evocam essa realidade para dar-nos coragem; falam do fermento na massa, do sal da terra e da luz do mundo, e descrevem ainda, em muitas outras imagens, a realidade de uma pequena, mas poderosa comunidade dinâmica, capaz de influenciar o resto da humanidade.

Perante essa situação, a família franciscana, engajada no seguimento do “Poverello”, de Santa Clara e das “Pobres Damas”, pode perguntar-se a si mesma se não é justamente agora que lhe é oferecida uma nova chance para anunciar o Evangelho. No entanto, o anúncio da Palavra tem que ser respaldado pelo testemunho da vida.





s documentos modernos da Ordem e da Igreja

Com frequência, os documentos modernos, tanto da Ordem como da Igreja, insistem na importância da comunidade para o anúncio da Palavra, porque a comunidade não é somente o lugar próprio, mas também a promotora do anúncio. Esta afirmação ganha importância especial a partir da história franciscana, que aponta para a relação essencial que existe entre pregação e estilo de vida.

Há uma diferença tipicamente franciscana entre os termos “pregação” e “convite à penitência”. Enquanto por “pregação” se entende o anúncio oficial da Igreja que compete em primeiro lugar ao bispo (que, por sua vez, pode delegar essa tarefa a outras pessoas), o “convite à penitência” está intimamente ligado ao estilo de vida daquele que fala.

Da mesma forma, a relação que existe entre contemplação e pregação também é muito franciscana. Isto exige que o primeiro passo para a renovação do anúncio seja precedido pela intensificação do espírito contemplativo nas comunidades. De maneira nenhuma, a contemplação pode ser entendida como uma fuga da realidade; ao contrário, ela quer fazer da realidade vivida e experimentada o objeto mesmo de sua contemplação.

Antes de tudo, trata-se de transmitir a própria experiência que se fez de Cristo e de anunciar a Palavra do Senhor.

Mas isto precisa acontecer de maneira nova e com muita criatividade, abrangendo a própria história e a história do povo, como lugar da presença de Deus.





i de mim, se eu não evangelizar!"



Ao excluir essas palavras, Paulo estava consciente de ter sido chamado ao ministério apostólico e, portanto, ao anúncio da Palavra de Deus. Por sua vez, os fiéis de Jerusalém, dispersos em consequência da primeira perseguição, também anunciaram a Palavra e fundaram as primeiras comunidades cristãs na Samaria (cf. At 8,4), sem serem encarregados explicitamente deste ministério e sem receberem um envio oficial. Da história da Igreja conhecemos frequentes casos em que leigos, sem preparação teológica e sem envio explícito por parte

da hierarquia, conseguiram conquistar para a fé não somente pessoas individualmente, mas fundaram comunidades inteiras. O exemplo mais notório da história é a fundação das primeiras comunidades cristãs na Coreia.

Também o movimento franciscano retorna ao costume dos primeiros cristãos, porque tanto frades leigos como irmãos, tanto membros masculinos como femininos da Terceira Ordem Secular, se engajam como missionários no anúncio da Palavra e na cura das almas. Com frequência, a sua fé viva age de maneira mais empolgante e convincente do que um ensino oficial. Basta recordar a seguinte história:

"Quando Francisco estava em Sena, apareceu por lá um frade da Ordem dos Pregadores, homem verdadeiramente espiritual e doutor em Sagrada Teologia. Foi visitar São Francisco. Os dois saborearam uma longa e agradável conversa sobre as palavras do Senhor."



Quis o mestre saber sua opinião sobre aquele texto de Ezequiel: 'Se não denunciáres ao ímpio sua impiedade, cobrarei de tua mão a sua alma.' E esclareceu: 'São muitos, bom pai, os que eu conheço e sei que estão em pecado mortal, mas nem sempre lhes mostro sua impiedade. Será que Deus vai me pedir contas de suas almas?'

São Francisco respondeu que era um ignorante e que, por isso, estava mais na situação de aprender com ele do que na de dar sentenças sobre as Escrituras, mas o humilde mestre lhe disse: 'Irmão, já ouvi a exposição de alguns sábios sobre esse texto, mas gostaria de saber o que pensas a respeito.'

Falou, então, São Francisco: 'Se é em geral que devemos entender essa palavra, entendendo que o servidor de Deus deve arder tanto na vida e na santidade que repreenda todos os maus com a luz de seu exemplo e com as palavras de sua conversação. Direi que, assim, o esplendor de sua vida e o bom perfume de sua fama hão de anunciar a todos sua iniquidade.'

O frade foi embora muito edificado e disse aos companheiros de São Francisco: 'Meus irmãos, a teologia desse homem, firmada na pureza da contemplação, é uma águia a voar; nossa ciência arrasta-se pela terra.' (2Cel 103).



comunidade como portadora do anúncio

1.

O Capítulo Geral extraordinário da OFM em Medellín (1971) pronunciou-se de maneira inequívoca no sentido de que a comunidade fraterna de irmãos e irmãs é propriamente a promotora do anúncio:

"Nós, seguidores de São Francisco, vivendo nas fraternidades locais, desejamos servir as comunidades cristãs locais e queremos amparar essas mesmas congregações no mundo que lhes é próprio, em sua missão apostólica."

'O Povo de Deus vive em comunidades, principalmente diocesanas e paroquiais, e nelas aparece de certo modo visi-



velmente. Em consequência, cabe-lhes também testemunhar a Cristo diante das nações. Não pode crescer nas comunidades a graça da renovação, se cada uma não dilatar os espaços da caridade até os confins da terra.” (Ad gentes 37, em Medellín 1971, 16) Por sua vez, Paulo VI declara que as Comunidades de Base “são, de maneira especial, as destinatárias da evangelização e, ao mesmo tempo, suas depositárias” (Evangelii Nuntiandi, 58).

A pequena comunidade é, portanto, o lugar do anúncio. A essas pequenas comunidades locais devem servir os irmãos e as irmãs que vivem segundo o ideal franciscano. Deste modo, um princípio fundamental do anúncio é explicitamente formulado: Devemos pregar através de nossa vida de fraternidade e irmandade. Daí recebe importância especial o fato de os irmãos de Francisco deverem andar pelo mundo dois a dois, para anunciar o Evangelho por sua vida e pelo convite à penitência. Poder-se-ia falar de comunidades itinerantes da fé, da esperança e da caridade, que não tinham medo de mostrar que eram irmãos. A imagem do monge que anda pelo mundo como um pregador solitário não só está em contradição com os desejos de São Francisco, mas também com uma tendência básica da história franciscana.



núncio e estilo de vida

2.

Para entender melhor o que seja a característica específica da maneira franciscana de anunciar a Palavra, convém lembrar que o anúncio da Fé originalmente foi reservado ao bispo. O bispo, porém, podia delegar esse poder a sacerdotes ou diáconos especialmente escolhidos para tal. Por exemplo, São Domingo e seus companheiros estavam autorizados desde o início para assumir esta missão dos bispos, ou seja, o anúncio da doutrina da Igreja. Naquela época, este modo de anunciar foi chamado de “praedicatio” (= pregação).

O anúncio feito por São Francisco e sua comunidade era outra coisa. Pelo menos no início, a “praedicatio” foi praticada por poucos irmãos. Geralmente aceita nas fraternidades foi a “exhortatio”, uma espécie de chamado à penitência, que com frequência se parecia mais com um cântico do que com uma pregação. Não era preciso ter um preparo especial; mas conforme a situação, quando parecia ou necessário ou útil, era possível dar testemunho de Cristo através da “exhortatio”. O direito e o pleno poder para convidar à penitência não veio do ministério da Igreja, mas do estilo de vida.



Anúncio e vida formam uma unidade. Não fica bem que alguém chame à conversão, se ele mesmo não foi convertido. Quem propaga a Sagrada Escritura não pode contentar-se com a transmissão das meras letras do Anúncio.

Para entender melhor como é importante, no movimento franciscano, que haja uma concordância entre anúncio e estilo de vida, convém recordar o contexto histórico e sobretudo a vida eclesial que reinava no século XIII. Um homem simples da rua, olhando talvez para o palácio do seu bispo e sabendo do modo de vida levado por alguns prelados e outras pessoas de autoridade, necessariamente deve sentir-se chocado pelo contraste estranho entre o estilo de vida levado na cúria episcopal e a mensagem evangélica por ela propagada. Um sermão sobre a pobreza e humildade evangélicas, feito num ambiente de luxo ou estimulado por pretensões desmedidas de poder, não podia convencer o povo. Com certeza, na Idade Média nem todos os prelados foram culpados de viverem uma vida de riqueza e de ganância do poder; mesmo assim, nos séculos XI e XII, os movimentos dos "Valdenses", dos "Humilhados" e de outros pregadores da pobreza foram a expressão do desejo de muita gente por uma vida mais simples, segundo o modo de vida de Jesus de Nazaré, marcado pela pobreza e por uma crítica severa à situação que reinava de fato. Muitas camadas do povo suspiravam pela mensagem evangélica, vivenciada através de um estilo de vida simples e humilde.



A partir desta situação, talvez seja possível entender uma palavra bastante desconcertante que Francisco falou um pouco antes de morrer a um irmão que queria ler-lhe um trecho da Sagrada Escritura: *"É bom ler os testemunhos das Escrituras, é bom procurar nelas Deus nosso Senhor, mas eu já aprendi tantas coisas da Bíblia que para mim é mais do que suficiente meditar e recordar. Não preciso mais nada, filho. Já sei que o pobre Cristo foi crucificado"* (2Cel 105).

Só é capaz de anunciar quem leva a Boa-Nova dentro do coração. Mais ainda, só consegue convencer realmente quem se fez, ele mesmo, Boa-Nova. Naturalmente, isto vale tanto para os irmãos e as irmãs em particular, como para as suas comunidades em conjunto.



“E esta Boa-Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, dum modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão além dos valores correntes e a sua espe-

rança em qualquer coisa que não se vê e que eles não seriam sequer capazes de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar, no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis” (EN 21).

Desta maneira, torna-se evidente como é importante um anúncio que se faz sem palavras. Recordemo-nos das palavras de Francisco: “Ide, anunciai a paz a todos os homens; pregai-lhes a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, solícitos na oração, sofridos na adversidade, ativos e constantes no trabalho, modestos nas palavras, sérios em vossos costumes e agradecidos ao receber benefícios. Sabei que, em recompensa de tudo isso, vos está prometido um reino que não terá fim” (LegM 3,7).

Também Santa Clara fala no seu Testamento do anúncio pelo testemunho de vida: “O Senhor nos deu um exemplo, um modelo e um espelho, não apenas para os outros, mas também para as nossas irmãs. Pois elas foram chamadas por Ele à mesma vida à qual Ele nos chamou, a fim de que também elas fossem um espelho e um modelo para os homens do mundo. Se o Senhor nos deu tão grande vocação, que devemos servir de espelho para aquelas que por sua vez devem ser exemplo e espelho para outras, teremos todo motivo de agradecer ao Senhor, louvá-Lo e procurar n’Ele cada vez mais a nossa força, para fazermos tudo bem feito” (TestCl 6).

Clara sabia que a sua vida, assim como a vida de suas irmãs, tinha que ser a expressão da bondade e da graça de Deus, para assim poder tornar-se um espelho límpido para os demais.

O que se podia ver neste “espelho límpido”? “Ao fundar uma nova comunidade de monjas na periferia de Assis, qual foi a mensagem enviada por Clara, capaz de subir a





íngreme ladeira até os muros da Comuna? A mensagem falava de igualdade radical entre todos os membros da comunidade, fundada no mesmo batismo e na mesma vocação, chamada à mesma vida evangélica ... Livre de constrangimentos sociais e tradições da vida secular ou monástica do seu tempo, as Pobres Damas se identificaram de modo insistente e inquietante como um grupo de mulheres que procuram o seu lugar numa nova realidade social e eclesial” (Margaret Carney, OSF).

Inspirada nas palavras de São Francisco, a Regra e Vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco também mostra a maneira contemplativa do “andar pelo mundo”: “Os irmãos e as irmãs sejam suaves, pacíficos e modestos, mansos e humildes,

e falem honestamente com todos, como convém. E onde quer que estiverem ou andarem pelo mundo, não briguem nem façam contendas com palavras, nem julguem os outros, mas mostrem-se alegres no Senhor, joviais e convenientemente graciosos. Como saudação digam: O Senhor te dê a paz!” (Regra da TOR, 20).

“A paz que anunciam com a boca, tenham-na mais amplamente em seus corações. Ninguém seja por eles provocado à ira, ao escândalo, mas pela mansidão deles sejam todos provocados à paz, à benignidade e à concórdia. Pois os irmãos e as irmãs foram chamados para curar os feridos, reanimar os abatidos e reconduzir os errantes” (Regra da TOR, 30).

Para as Clarissas, a vida inteira é marcada pela contemplação. A sua maneira de “andar pelo mundo” é a mediação silenciosa de uma vida vivida diante de Deus, abraçando pela oração o mundo inteiro com todos os seus interesses e preocupações, objetivos e problemas.





A contemplação tem, no anúncio, um papel eminente. *“O fruto da missão depende, em grande parte, da contemplação. O missionário, se não é contemplativo, não pode anunciar Cristo de modo crível”* (Redemptoris missio, 91).

“A comunidade religiosa é, por si mesma, uma realidade teológica, um objeto de contemplação. Sendo uma família unida pelo Senhor, a comunidade é, por essência, um lugar onde a experiência de Deus se realiza de modo especial, podendo ser, então, comunicada aos outros” (Congregação Vaticana para os Religiosos).

A importância da contemplação para o anúncio da Palavra é amplamente manifestada na história franciscana (cf. Lição 10).

Os Fioretti (16) falam das dúvidas que Francisco tinha, se ele devia dedicar-se exclusivamente à oração ou ao anúncio da Palavra. Através do diálogo com Clara e Irmão Silvestre, porém, chegou à conclusão de que não se trata de duas posições antagônicas entre contemplação e anúncio, mas que um procede do outro.

Não somente Francisco, mas também outros pregadores eminentes, como Bernardino de Sena e Leonardo de Porto Maurício, estavam convencidos de que a pregação exige um estilo de vida contemplativo. Por este motivo, fundaram eremitérios e outros lugares solitários, onde os pregadores pudessem viver num ambiente contemplativo entre seus irmãos. Desta maneira, seguiram as admoestações de Francisco: *“O pregador tem que haurir primeiro na oração feita em segredo, aquilo que depois vai derramar em palavras sagradas. Tem que se esquentar primeiro por dentro, para não proferir palavras frias”* (2Cel 163).

Francisco de Osuna, místico franciscano espanhol do século XVI que exerceu grande influência sobre Santa Teresa de Ávila, constatou com certa ironia: *“Contemplação e oração são muito atraentes para os pregadores; mas eles não as praticam. Estão por demais ocupados com a preparação de um novo sermão. E mal ele está pronto, já sentem repugnância e confusão. Quando outros celebram festas, o coração do pregador está até mais deprimido do que de costume, pois já se angustia para saber o que terá que pregar na próxima vez”* (Terceiro ABC espiritual, 317).

A melhor preparação para o anúncio da Palavra é a meditação partilhada e o colóquio espiritual numa comunidade viva. Portanto, para que o nosso anúncio possa convencer ainda hoje, temos que tender a fundar comunidades contemplativas.





Nas comunidades de irmãos e irmãs, a contemplação não é fuga da realidade. É, antes, entrar mais profundamente nas situações concretas. O staretz Silhouan, um guia espiritual da Igreja Ortodoxa Russa que dirigia a formação espiritual e ascética dos jovens monges, disse certa vez: *“Quando a alma reza pelo mundo, ela sabe melhor, mesmo sem jornais, como o mundo está aflito e de que os homens necessitam”* (O monge do Monte Atos).

Naturalmente, as reportagens nos jornais, nas revistas e na televisão e demais meios de comunicação, como também as análises da realidade na nossa sociedade, devem ser acompanhadas com atenção. Mas só chegamos a um aprofundado conhecimento dos fatos atuais, se incluirmos na nossa meditação as pessoas às quais devemos servir. Para usar um provérbio conhecido: *“É preciso segurar em uma mão o jornal e na outra a Bíblia”*. Com razão, os bispos norte-americanos, nas suas recomendações pastorais para a pregação (*“Fulfilled in Your Hearing”*), não começam falando logo da pessoa do pregador ou do texto da pregação, mas começam com a comunidade, enumerando em seguida três aspectos essenciais da pregação para os tempos de hoje:

- *“O pregador representa a comunidade, estando a par dos seus interesses, chamando seus demônios pelo nome, tornando-a assim capaz de compreender o mal que a ameaça e de dominá-lo”* (7);

- *“Sua pregação é pastoral, demonstrando um conhecimento detalhado e engajado dos esforços e dúvidas, das preocupações e alegrias dos membros da comunidade local”* (9);

- *“A escuta atenciosa da Escritura e das confidências dos homens é essencialmente uma forma de oração; talvez a forma que mais convém à espiritualidade do sacerdote e do pregador”* (10).



Portanto, seja na preparação mais remota, escutando na oração a Deus e os homens, seja na preparação imediata da pregação que vai fazer, o pregador há de perguntar-se:

• • • “Qual é a situação vivida por aqueles que me vão ouvir?”

• • • “Quais as suas alegrias, preocupações, dúvidas e lutas?”

• • • “Como o Evangelho os ajudará a enfrentar estes desafios?”

Tais aproximações condizem bem com a tradição franciscana. O sucesso de Bernardino de Sena não se deve apenas ao fato de ele ser um religioso

contemplativo, vivendo e viajando em comunidade, mas também ao grande conhecimento que tinha de sua gente, de seus anjos e demônios, seus esforços e alegrias, suas orações e maldições. Distingue ele, por isso, três tipos de pregação:

“Alguns pregam a vida e não a doutrina. Outros pregam doutrina, mas não a vida. Poucos pregam ambas as coisas, doutrina e vida” (Opera II, 396).

Portanto, não basta ser teólogo. Deve-se também estudar a sociedade onde se vive, meditando sobre ela, rezando por ela. As epístolas de São Paulo podem servir de modelo. Sendo um exímio teólogo e também um homem contemplativo, Paulo estava muito ciente das necessidades e dos desejos, dos pecados e dos carismas de seu povo. Não se acanhava de ir ao encontro deles com uma força e uma segurança que nascem não apenas do conhecimento da situação real, mas também da sabedoria haurida na oração.



nunciar a Palavra do Senhor

5.

“O maior serviço que podemos prestar aos homens consiste em auxiliá-los a chegarem a uma relação direta e pessoal com Cristo e ao jubiloso e autêntico amor de Deus.



Estamos preparados para pregar o Evangelho mediante a palavra e o exemplo?" (Medellín 1971, 18).

Para uma pessoa que procura seguir o exemplo de Francisco de Assis, trata-se de demonstrar que *"não sente prazer nem alegria senão nas santas palavras e obras do Senhor"* (Adm. 21,1). Por isso, o pregador deve examinar-se para verificar se realmente cria relações entre seus ouvintes e Jesus, se transmite aos seus ouvintes sua experiência de Cristo e de Deus.

"Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Mas como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão sem terem ouvido falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue?" (Rm 10,13-15). E como alguém pode pregar, se não fizer primeiro a experiência de Deus na meditação da Palavra de Deus?

"Se, finalmente, compreenderes que teu pessoal não quer ouvir falar nem de catequese, nem de teologia, mas que está perguntando apenas por Jesus, então estás obrigado a encontrar meios para lhes saciar a sede. Roma e Rahner oferecem apenas possibilidades para entrar no assunto... Então, queiras ou não queiras, serás obrigado a aprender a sonhar sonhos, a ter visões, para saber traduzir as parábolas de Jesus numa linguagem moderna" (W. Burghardt).

A eficácia da pregação de São Francisco não provinha de *"distinções filosóficas"*; mas *"quem dava a força da virtude à sua voz era o próprio Cristo, que é a verdadeira virtude e a verdadeira sabedoria"* (2Cel 107).



nunciar, a partir da própria história

6.

Contar as parábolas de Jesus em forma moderna, usando a fantasia, não quer dizer inventar fábulas à toa: *"A pregação deve borbulhar da Palavra de Deus e não pode ser desfigurada por fábulas"* (Antônio de Pádua, Opera 8).

"Pregar a partir da própria história" significa entrar em contato com nossas experiências pessoais e comunitárias, conscientes de que Deus está presente nelas, e estar dispostos a passá-las adiante. Este modo de proceder é autenticamente franciscano, pois recebemos uma herança antes popular do que erudita. Nossas fontes mais antigas não são dissertações so-



bre o movimento franciscano ou sobre a experiência da graça. São histórias multifacetadas e coloridas, recebidas da mão amorosa de Deus.

O testamento de São Francisco oferece um bom exemplo. Teoricamente, podíamos imaginar, embora com alguma dificuldade, que Francisco tivesse escrito uma dissertação filosófica ou teológica sobre a importância da graça e da presença de Deus na sua vida. No entanto, esperando a morte, meditava sobre os acontecimentos comuns de sua vida e descobria, sempre de novo, que tinha sido conduzido pelas inspirações do Espírito Santo. Assim, oferece-nos não uma dissertação abstrata, mas uma autobiografia íntima da graça, repetindo sempre: *“Deus me revelou, – ele me mostrou, – ele me conduziu...”*



nunciar, a partir da história dos outros

7.

Além de falar da sua própria história, o pregador deve conhecer bem a história de sua gente, de forma que os seus ouvintes possam descobrir a presença amorosa de Deus. As histórias dos santos, diários modernos, reportagens nos jornais, fatos acontecidos em casa, no consultório ou no lugar de trabalho, tudo isso deve entrar na pregação (= “teologia narrativa”). O emprego de tais histórias não é apenas uma técnica para despertar a atenção dos ouvintes, mas se apóia no princípio de que histórias unem, enquanto interpretações separam.



Entretanto, histórias também são capazes de desafiar-nos, colocando o dedo na ferida, identificando a saudade que almeja por justiça e paz, por comunidade e solidariedade, e reconhecendo a fome pelo sentido da vida e fome de Deus.



Os relatos tradicionais da história do cristianismo nos unem quando contamos o que aconteceu em Belém e no Getsêmani, lembrando os milagres e curas de Jesus, ou falando de reconciliação e eucaristia. Mas, quando começamos a discutir sobre a significação destes eventos, logo sentimos que há divisões entre nós. Através da história da Igreja, interpretações contrárias conduziram a maneiras diferentes de entender a vida cristã e franciscana, causando – dentro da família franciscana – sérias divergências.

Mesmo que ainda existam tais divisões, podemos tender à unidade, partilhando juntos a Palavra de Deus e histórias espirituais. Neste sentido, é possível, por exemplo, colocar a pregação a serviço da paz (cf. Lição 23).

Concluindo, pode-se dizer: a maneira franciscana de anunciar tem que dar à Palavra de Deus um rosto humano, um rosto de carne e sangue:

*** pelo estilo de vida que indica às pessoas inseguras e desorientadas um caminho para sair do seu impasse;

*** pela solidariedade com as pessoas, para dar testemunho das palavras e gestos de Jesus Cristo.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Ez 2,8-3,4; Rm 8,9; 10,13ss; 1Cor 3,16.19; 1Pd 3,15; 1Jo 1,1-3
Documentos da Igreja	LG 9-12; EN 21,58; RM 91
Fontes franciscanas	
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFMCap – OFMConv	CG OFM, Medellín 1971 (18, 16)
OSC (Clarissas)	TestCI 6
OSF (TOR)	Regra 20, 30
OFS	
Suplementos*	

* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.



EXERCÍCIOS

IV.

1.

1º Texto:

“(Francisco) dizia que devíamos chorar pelos pregadores que, muitas vezes, vendem o seu ministério pelo tostão do vão louvor. Curava-lhes, às vezes, os tumores com este remédio: ‘Pòr que vós gloriáis dos homens que convertestes, se foram convertidos pelas orações de meus irmãos simples?’

Assim interpretava ele o versículo: ‘Até a estéril deu à luz muitos filhos.’ ‘A estéril é o meu irmão pobrezinho, que não recebeu na Igreja o encargo de gerar filhos. Esse vai dar à luz a muitos no dia do juízo, porque então o juiz vai computar na sua glória os que agora converte com suas orações particulares. Mas ‘a que tem muitos filhos vai desfalecer’, porque o pregador que se rejubila como se tivesse gerado a muitos por sua própria virtude vai saber então que nada teve de seu nessas pessoas.’

Não gostava muito dos que falavam bonito e não de coração, desejando mais a glória de oradores que a de pregadores. E dizia que faziam uma má divisão os que davam tudo para a pregação e nada para a devoção. Louvava ao pregador que, a seu tempo, apreciava e saboreava ele mesmo a palavra de Deus” (2Cel 164).

2º Texto:

“Diz o Apóstolo: ‘A letra mata, mas o espírito vivifica’ (2Cor 3,6). São mortos pela letra os que tão somente querem saber as palavras, a fim de parecerem mais sábios que os outros e poderem adquirir grandes riquezas e dá-las aos parentes e amigos. São ainda mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito das Sagradas Escrituras, mas só se esforçam por saber as palavras e interpretá-las aos outros.

São, porém, vivificados pelo espírito das Sagradas Escrituras aqueles que tratam de penetrar mais a fundo em cada letra que conhecem, nem atribuem o seu saber ao próprio eu, mas pela palavra e pelo exemplo o restituem a Deus, seu supremo Senhor, ao qual todo bem pertence” (Adm 7).

Perguntas e tarefas:

1. Segundo estes dois textos, qual é a atitude fundamental para um anúncio autêntico?
2. À base destes dois textos, elabore 10 mandamentos para catequistas e pregadores.





A exigência franciscana, que manda pregar a partir da meditação/contemplação, e o texto de Ezequiel utilizam imagens diferentes para dizer a mesma verdade.

1º Texto:

Francisco afirmava: *“O pregador tem que haurir primeiro na oração feita em segredo aquilo que depois vai derramar em palavras sagradas. Tem que se esquentar primeiro por dentro, para não proferir palavras frias”* (2Cel 163).

2º Texto:

“Abre a boca e come o que eu te darei.” Eu olhei e vi uma mão estendida para mim, e nela um livro enrolado. Desenrolou-o diante de mim: Estava escrito na frente e no verso e continha cantos fúnebres, lamentações e ais.

Ele me disse: “Filho do homem, come o que tens diante de ti! Come este rolo e vai falar à casa de Israel!” Eu abri a boca e ele me fez comer o rolo, dizendo: “Filho do homem, alimenta teu ventre e sacia as entranhas com este rolo que te dou.” Eu o comi, e era doce como mel em minha boca.

Ele me disse: “Filho do homem, vai! Dirige-te à casa de Israel e fala-lhes com minhas palavras” (Ez 2,8-3,4).

Perguntas:

1. O que há de comum entre os dois textos? E o que os distingue?
2. O que isto aproveita para seu próprio anúncio, no lugar onde se encontra?
3. Quais seriam as possibilidades concretas, e quais as dificuldades?



Compare os seguintes textos:

1º Texto:

Da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, do Concílio Vaticano II (1965):

24. *“A Sagrada Teologia apóia-se, como em perene fundamento, na palavra escrita de Deus juntamente com a Sagrada Tradição, e nesta mesma palavra se fortalece firmissimamente e sempre se renova, perscrutando à luz da fé toda a verdade encerrada no mistério de Cristo.*

Ora, as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus e, porque inspiradas, são verdadeiramente palavra de Deus; por isto, o estudo das Sagradas Páginas seja como que a alma da Sagrada Teologia. Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente se fortalece o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homilia litúrgica.”

25. *“Eis por que é necessário que todos os clérigos, sobretudo os sacerdotes de Cristo e os outros que, como os diáconos ou os catequistas, legitimamente se consagram ao ministério da palavra, se apeguem às Escrituras por meio da assídua leitura sacra e diligente estudo, para que não venha a ser ‘vão pregador da palavra de Deus externamente que não a escuta interiormente’, quando especialmente na Sagrada Liturgia tem que comunicar aos fiéis, a ele confiados, as vastíssimas riquezas da palavra divina.*

Com veemência e de modo peculiar exorta igualmente o Santo Sínodo a todos os fiéis cristãos, principalmente aos religiosos, a que, pela freqüente leitura das divinas Escrituras, aprendam ‘a eminente ciência de Jesus Cristo’ (Fl 3,8). ‘Portanto, ignorar as Escrituras é ignorar Cristo’.

Acheguem-se, pois, de boa mente ao próprio texto sagrado, quer pela Sagrada Liturgia repleta da palavra de Deus, quer pela piedosa leitura, quer por cursos apropriados e outros meios que, com a aprovação e empenho dos Pastores da Igreja, hoje em dia louvavelmente se difundem por toda parte.

Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, a fim de que se estabeleça o colóquio entre Deus e o homem; pois ‘a Ele falamos quando rezamos; a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos’” (Dei Verbum, 24-25).

2º Texto:

“Bem-aventurado o religioso que não sente prazer nem alegria senão nas santas palavras e obras do Senhor e por elas conduz os homens em júbilo e alegria ao amor de Deus. E aí do religioso que se deleita com palavras ociosas e fúteis e, por esse meio, leva os homens a dar risadas” (Adm 21).

Pergunta:

Procure descobrir o que os dois textos apresentam em comum.





Volte a ler, mais uma vez, a história chamada “O sermão de Frei Egídio” que se encontra no início desta Lição.

Perguntas:

1. No contexto onde vive, qual é o papel do leigo comparado com o papel do pregador oficial?
2. Como seria possível combinar a ciência teológica e a experiência de fé dos cristãos, para que ambos, em conjunto, estejam a serviço do anúncio da Palavra de Deus?



“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida, – porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos, anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada, – o que vimos e ouvimos, nós também vos anunciamos a fim de que também vós vivais em comunhão conosco. Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Nós vos escrevemos estas coisas para nossa alegria ser completa!” (1Jo 1,1-4).

Nos grupos de AA (= Alcoólatras Anônimos), alcoólatras curados costumam dar testemunho de suas experiências, contando em que situações desastrosas se encontraram, como isto afetava os seus familiares e qual a transformação causada pela cura nas suas vidas.

Tais confidências encorajaram outros participantes nos grupos a se perguntarem: se outros conseguem vencer o vício, porque eu não o hei de conseguir também?

Perguntas:

1. Qual é o tema comum aos dois textos?
2. Quais são as conseqüências que você deduz daqui para a transmissão da fé?



“Francisco sentia que se consegue muito mais anunciando o bem do que dizendo o mal dos homens. No tempo de valores unilaterais e de atitudes fundamentais perversas, o pregador pode ser tentado a apresentar-se antes como pregador da desgraça do que como pacificador.

A Escritura oferece-nos o melhor modelo para o pregador de hoje, explicando como Jesus, andando na estrada de Emaús, instila nos corações desanimados, com as suas palavras, o espírito de esperança, e nas almas medrosas a paz que só Ele pode dar.



Então, os nossos ouvintes, como os discípulos de Emaús na explicação da Escritura, reconhecerão a Jesus. Deixando o banco da Igreja para voltar para suas casas dirão: 'Não nos ardia o coração, quando falava conosco e nos explicava as Escrituras?' (Lc 24,32)" (Anthony M. Carozzo, OFM, EUA).

Tarefas e Perguntas:

Procure lembrar-se das três últimas pregações que ouviu:

1. Qual a impressão que estas pregações lhe causaram?
2. Quais pensamentos, evocados pelo pregador, conduziram você mais perto do mistério de Deus?



3.

A seguir, textos significativos vindos de cinco continentes falam sobre o ministério do anúncio da Palavra:

a) Da Ásia:

"Pregar" é, na Ásia, um conceito fundamentalmente desconhecido. Na Ásia não existem monges pregadores ou pregadores ambulantes. Há monges, sim, que são mestres (= "gurus") de seus discípulos, mas não se dirigem ao povo em geral.

Monges budistas só saem dos conventos para pedir esmolas, como testemunho de uma vida em pobreza, ou para executar ações culturais entre o povo. Só em ocasiões muito solenes eles tomam a palavra. A pregação no sentido ocidental só apareceu com a introdução do cristianismo.

Quem quiser pregar na Ásia deve lembrar-se de duas coisas: (1) O testemunho da vida é mais importante do que a palavra; (2) A mensagem há de ser "inculturada", quer dizer, o conjunto das palavras usadas há de ser revisado. Por demais ainda se usam termos técnicos teológicos, compreensíveis, talvez, aos europeus, porque provenientes do ideário greco-romano, mas que parecem completamente inaceitáveis aos asiáticos, acostumados a outros modos de pensar. Entre outros, lembramos termos como "Trindade", "transsubstanciação", "união hipostática" e outros mais.

Grace Chu, FMM (Hong Kong),

Ambrose Ngyen Van Si, OFM (Vietnã)



b) Da África:

“Há irmãos que pregam e irmãos que exercem o ofício de sacerdotes. Nem todos os irmãos se sentem chamados a pregar a palavra. Muitos gostariam de levar uma vida simples, só como frades menores. Basta-lhes falar por seu estilo de vida.

Outros sentem fortemente a necessidade de pregar e, quando não lhes é permitido, então sofrem com isso. Na África, os bispos confiam apenas ao sacerdote a missão de pregar. Isso obriga os irmãos, que têm as qualidades para pregar, a optar pelo estado sacerdotal.

Essa situação traz certos perigos: Irmãos que se tornam sacerdotes adquirem certo “status” na comunidade e parecem ter um direito a privilégios particulares. Isso produz tensões nas comunidades, pois diante dos sacerdotes, os irmãos leigos se sentem inferiores e tendem a criar complexos de inferioridade.

Para ambas as partes, portanto, é fundamental uma preparação cuidadosa e séria para a vida comunitária. Os dons de Deus são diferentes, mas todos são de valor, quando empregados no serviço da comunidade e do povo de Deus.”

François-Marie Lufuluabo, OFM (Zaire)

Dom Afonso Nteka, OFM, Bispo na Angola

c) Da América Latina:

“Na América Latina, o anúncio da Palavra não é apenas o privilégio dos sacerdotes, mas um dom que Deus comunica a toda a comunidade cristã, como já o era na Igreja primitiva. Os membros de uma comunidade reconhecem a sua vocação para isso pelo seu contato zeloso, intensivo e direto com a Palavra de Deus.

A comunidade mesma escolhe, entre seus membros, alguns como seus representantes, catequistas e fundadores de novas comunidades. Os responsáveis, assim escolhidos, encontram-se em grupos menores, onde recebem uma formação ainda mais intensiva, que visa às necessidades atuais da grande comunidade.

O mundo de hoje representa para as nossas comunidades um desafio, até agora desconhecido: numa situação que se tornou pluralista, chocam-se as culturas mais variadas, transformam a imagem da sociedade, formando novos grupos sociais entre o povo. Para atender a este fato, já não bastam os modelos missionários importados da Europa. Inculturação autêntica ficou sendo uma tarefa indispensável.”

Guilherme Mesa, OFM (Colômbia)

Gilda del C. Salinas Jiménez, FMM (Chile)



d) Da Europa e da América do Norte:

“Hoje em dia, desapareceu quase por completo de nossa vida pública a imagem do pregador ambulante franciscano. Não seria necessário um novo apelo para este apostolado, num mundo que ouve tão pouco a Palavra de Deus?

Nós, aqui no Ocidente, estamos vivendo no século dos meios de comunicação: o homem ocidental conhece todas as artimanhas, como espalhar melhor a sua mensagem. Ele sabe o que quer “vender” e como melhor o conseguir. Sabe como persuadir o pessoal, e empurra a sua mercadoria.

Como pregadores, nós, franciscanos, temos que enfrentar uma grande “concorrência”. Uma boa preparação faz-se necessária. Os meios de comunicação usam muito o simbolismo e imagens comparativas. O pregador moderno pode aprender muito, entre outros, do salmista na História Sagrada, como falar figurativamente, como não apenas convidar à fé, mas estimular também o empenho.

Hoje em dia, o diálogo sobre a fé é de eficiência especial, quando se trocam e se partilham experiências pessoais de Deus. Não há outro meio de comunicação que se iguale ao encontro pessoal.”

Lucian Mulhern, OFM (EUA)

Noel O'Dwyer, OFM (Inglaterra)

Tarefa:

Procure identificar o específico de cada continente, completando-o, se possível, pelas suas próprias experiências ou convicções.

Em português

AA.VV. Nova evangelização e formação à luz do carisma franciscano, em: *Cardernos Franciscanos* n. 1, Petrópolis, Vozes/Cefepal, 1990.

AA.VV. *A maneira franciscana de evangelizar*, Petrópolis, Vozes/FFB/CFMB, 1996.

Agostini, Nilo. *Evangelização – Contribuição franciscana*, Petrópolis, Vozes/FFB, 2000.

Em alemão e outras línguas

Arens, H./Richardt, F./Schulte, J.

- Kreativität und Predigtamt (Munique 1974, 4ª edição, 1982)
- Positiv predigen (Munique 1977)
- Die Predigt vom menschenfreundlichen Gott (Munique 1980)

Burghardt, W.

Sir, we would like to see Jesus, 14

Clasen S. (edit.)

Lehrer des Evangeliums. Ausgewählte Texte aus den Predigten des hl. Antonius von Padua (FRQuSchr 4, Werl 1954)

Elm, K.

Franz von Assisi: Busspredigt oder Heidenmission? em: *Expansione del Francescanesimo tra occidente e oriente nel secolo XIII (= SIFS, Vol.VI)*, Assis 1979, p.69-103

Missionszentrale der Franziskaner/UCLAF (edit.)

Franziskanische Spiritualität und Evangelisation. Dokumente der XIV. Versammlung der UCLAF (em: *Berichte – Dokumente – Kommentare* 64, Bonn 1995)

Osuna, F. de

Versenkung. Weg und Weisung des kontemplativen Gebetes (Friburgo 1982)

Pohlmann, C.

- Kanzel und Ritiro. Leonardo von Porto Maurizio (Werl 1955)
- Franziskus: ein Weg. Die franziskanische Alternative (Mogúncia 1980)

Rotzetter, A.

Gott in der Verkündigung des Franz von Assisi: *Laurentianum* 23 (1982), p. 40-76

SCRIS (= Sagrada Congregação pelos Religiosos e Institutos Seculares) (edit.) *Die kontemplative Dimension des Ordenslebens* (Vaticano 1980)



- Capa:** São Francisco. Detalhe de Benosso Gozzoli (1420-1497), Montefalco, Igreja de São Francisco
- Folha de rosto:** Monograma de Cristo. Mosaico no batistério em Albenga, 2ª metade do século V.
- P. : 4** De: Franciskaanse Samenwerking
- P. : 6** Anúncio da Palavra. Foto: Heinemann, Foto-present
- P. : 7** O Apóstolo Paulo traz a palavra de Deus aos Gálatas. Miniatura da Bíblia de Guiart de Moulins, séc. XV.
- P. : 8** De: Franziskaner Mission 3/94, Foto: KNA
- P. : 10** São Francisco, Königsfelden, cerca de 1330
- P. : 11** De: Alle Welt 3-4/92, Foto: Wim van der Kallen
- P. : 12** Pintura de Stª Clara, por Cimabue, séc. XIII, Igreja de Santa Chiara, Assis
- P. : 12** Clarissa africana de Lilongwe (Malawi); de: Alle Welt 11-12/92, Foto: Wim van der Kallen
- P. : 14** De: Adveniat – Dokumente/Projekt 27, 1984
- P. : 15** Três Apóstolos mostram o Novo Testamento. Pintura do séc. XIII, igreja de Torpo, Hallingdal, Noruega.
- P. : 16** A Revelação de João, da série de imagens da Apocalipse de Bamberg, cerca do ano 1.000
- P. : 17** De: Franziskaner Mission 1/93, Foto: KNA

Para refletir

A essência da espiral

Espiral:

caminho circular,
de dentro para fora
e de fora para dentro;
do centro para a periferia
e da periferia ao centro.

Espiral:

caminho movimentado
para longe de mim
e para junto de mim;
entrando, saindo,
como maré baixa e maré cheia.

Espiral:

caminho que aponta
para eu ousar sair de mim,
ficando firme em mim mesmo;
para ser enviado
e permanecer um pólo imóvel.



Espiral:

caminho dado de presente
para se alcançar o centro,
para encontrar o centro;
para ir para fora,
contudo, levando o centro consigo.

Espiral:

caminho favorecido,
procurando o centro,
encontrando a Deus,
sentindo proximidade,
andar com Ele.



Este livro foi impresso nas oficinas gráficas da
Editora Vozes Ltda.,
Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ,
com filmes e papel fornecidos pelo editor.

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300

FAX (0xx24) 242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

0. Introdução e visão de conjunto
1. Cristianismo, a religião de Encarnação
2. A família franciscana
3. Cooperação interfranciscana hoje
4. Formação inicial e permanente
5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana
6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário
7. A missão franciscana nas primeiras fontes
8. Fidelidade e traição: A história da missão
9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano

Próximas lições a serem publicadas

16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia